

CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENVELHECIMENTO HUMANO:
DA COMPLEXIDADE AO DESAFIO DA INTERDISCIPLINARIDADE.
Universidade de Passo Fundo, 28,29,30. 04. 2010.

ENVELHECIMENTO HUMANO: CIÊNCIA, CULTURA E ÉTICA

OBSERVAÇÕES INICIAIS

O tema do envelhecimento humano possui abrangências em diferentes ramos do saber humano, da vida de cada pessoa, dos inúmeros sistemas culturais, apenas para citar alguns desses cenários em que o fenômeno acontece. Essas poucas referências são suficientes para acentuar o nível de sua complexidade.

A história da humanidade, nela presente a fase da chamada pré-história, revela que todos os povos definiam o ciclo da vida, de qualquer ser vivo, em três momentos: nascer, viver e morrer. Não foi resultado de especulação. Os fatos eram suficientes. A evolução mais significativa na compreensão da existência de cada pessoa se dá a partir de uma observação direta do operar da vida, do nascimento à morte. Durante muito tempo atribuiu-se ao desenrolar da existência, em três períodos distintos, significados sociais, mais que fases biológicas. O primeiro período é o do crescimento, entendido como uma preparação para o segundo período, culminando com o rito de passagem. O segundo período é o da fase adulta ou da plena participação em todas as atividades da ordem social vigente. O terceiro período é o da velhice, geralmente definido como o tempo da sabedoria.

É importante lembrar que essas interpretações do desenrolar da vida humana foram construídas sem os recursos de modelos teóricos de produção do conhecimento. Elas foram conclusões elaboradas pela observação e percepção imediata dos fatos. São os saberes ditados pela leitura visual da fenomenologia da realidade humana.

A grande e radical modificação da explicação da vida humana se dá com o surgimento do projeto do saber racional. Os sentidos podem enganar. A superfície da realidade é passageira. A realidade em si está posta além dessas aparências fugidias. O conhecimento verdadeiro é aquele que ultrapassa as aparências e alcança o permanente e universal. Foi com esse paradigma que se fundou a epistemologia grega, batizada pelos historiadores da ciência, como filosofia.

Os filósofos gregos, desde Tales, pesquisaram o princípio de todas as coisas, a partir do qual seria possível construir um paradigma confiável de produção de conhecimentos objetivos. Evidentemente, esses primeiros passos rumo à objetividade das ciências modernas foram ainda muito influenciados pelo comportamento externo das coisas. Assim, a vida humana foi explicada muitos mais pelos comportamentos das pessoas nas diferentes fases da vida do que pela dinâmica interna do ser vivo.

Neste sentido, Sócrates, Platão e Aristóteles, os três maiores mestres da era clássica grega, não falam de envelhecimento, mas tratam do fim da vida, do enfrentamento da morte com dignidade ou do elogio da longevidade. O processo de envelhecer ainda não fora desvinculado da velhice. A primeira obra dedicada ao envelhecimento é de Cícero, filósofo, tribuno e político romano, intitulada *Saber Envelhecer*. Nela não há, a rigor, uma teoria sobre o processo de envelhecer. Cícero mostra com fatos como pessoas da elite social em idade avançada ainda conservavam o vigor, as capacidades produtivas e, acima de tudo, eram fontes de alta sabedoria, paradigmas para os mais jovens..

Por fim, para completar essas observações, deve-se reconhecer que a escola filosófica greco-romana nos legou três bases do paradigma epistemológico científico atual, a saber: regulamentação da produção do saber, separação dos saberes em disciplinas e divisão da realidade em objetos.

ENVELHECIMENTO HUMANO, OBJETO DE ESTUDO

A constituição do envelhecimento humano, como um objeto distinto de estudo, é, relativamente, recente, incluído como uma parte importante da gerontologia e da geriatria. A gerontologia não trata apenas do velho ou da velhice, ela inclui os fenômenos que levam à velhice. A geriatria, por sua vez, não trata apenas das doenças dos idosos, mas se preocupa, também, com as prevenções destas doenças.

Cabe aqui apontar aspectos preliminares a respeito do envelhecimento a começar pelo termo. Envelhecimento, embora seja um substantivo, ele conota movimento. É o processo de chegar à velhice, ou de se tornar velho. A sua semântica não é unívoca. Depende a quem se aplica. Em relação ao seres vivos, envelhecimento significa aproximar-se do fim da vida. Quando referido a objetos pode significar a aquisição de uma qualidade superior. Por exemplo, um móvel envelhecido ou um vinho. Pode-se falar, também, em instituições ou países envelhecidos.

O que interessa para esta abordagem é a idéia de movimento em direção a uma fase futura da vida. Neste sentido pode ser tomado como a passagem da vida adulta ou madura para a velhice. O que chama a atenção é a única mudança de fase da vida humana que mereceu um tratamento especial e diferenciado em relação à passagem entre as outras fases, da infância para a juventude, da juventude para a maturidade. Não há a identificação do fenômeno, pelo menos enquanto a não existência de um termo específico, como é o caso do envelhecimento, como tempo e causas que levam à velhice.

Continuando, se o envelhecimento é movimento, quando começa? Pode-se estabelecer um critério cronológico ou biológico seguro para estabelecer o início de envelhecer? Para definir o envelhecimento devo partir de um conceito de velhice ou devo partir da evolução de um organismo vivo? Essas perguntas constituem o desafio a ser enfrentado, nesta reflexão, pela ciência, pela cultura e pela ética.

Um outro aspecto instigante gira em torno das razões porque o envelhecimento aparece entre as preocupações cada vez mais presentes na atualidade. E não é só privilégio das ciências da saúde. A questão do envelhecimento se estende em todos os níveis das ciências humanas, das ciências econômicas, das ciências jurídicas e das políticas sociais.

O título desta palestra aponta para a tarefa de desenvolver e pensar esses aspectos e questionamentos à luz da ciência, da cultura e da ética. Evidentemente, pelo tempo, pela extensão do tema e pelo tipo de abordagem, será impossível alcançar um maior grau de verticalidade. Diante destes limites o que se deseja é provocar debates e sensibilizar consciências sobre o fenômeno do envelhecimento e as possibilidades de re-significações.

CIÊNCIA E ENVELHECIMENTO HUMANO

Inicialmente duas palavras, apenas para lembrar, sobre os questionamentos que os estudiosos das ciências levantaram, num primeiro momento, a respeito da hegemonia do modelo epistemológico por elas praticado na explicação da natureza, e, num segundo momento, sobre a real capacidade deste modelo de estudar a estrutura dos seres vivos, em geral, e dos seres humanos, em particular. O número dos estudiosos da ciência, que não podem ser confundidos com os negadores das ciências, tem crescido consideravelmente, desde o final do século passado, em particular na defesa de formas alternativas de saber. Entre esses estudiosos figuram intelectuais de diferentes áreas, como Henri Atlan, Bruno Latour, Francisco Varela, Gregory Bateson, Humberto Maturana, Boaventura de Sousa Santos, cujas idéias podem ser resumidas na seguinte citação de autores nem tanto conhecidos: “Desde finais do Renascimento, a rainha das ciências tem sido a física. À semelhança de Napoleão em Notre Dame, os físicos tomaram a coroa, colocaram-na sobre as próprias cabeças e proclamaram a sua disciplina como o modelo de estudo da natureza”.¹

Dito isto, não resta dúvida que as ciências naturais ou exatas continuam dando as cartas no jogo epistemológico. A presente reflexão sobre o envelhecimento humano não poderia deixar de colocar em primeiro plano a forma como o fenômeno do envelhecimento está presente no conhecimento científico.

Os procedimentos da pesquisa científica começam por definir o objeto de estudo de acordo com o paradigma analítico. Cada objeto passa a ter uma identidade autônoma, distinto de outros objetos. E o tratamento também é específico. A tradição moderna mais antiga, herança cartesiana, determinou que o ato de conhecer se processa por partes. Para conhecer o todo é preciso começar pelo conhecimento das partes isoladamente. Das partes se chega ao todo. Neste cenário surgem as ciências e delas emana o regime das disciplinas. Hoje, lembrando os estudiosos da ciência, contestam esse método epistemológico. O todo deve ser o primeiro fator a ser observado na produção do conhecimento, em especial, quando se trata dos seres vivos. O tema central deste congresso mostra claramente esta mudança anunciando que a abordagem da questão do envelhecimento humano deve acontecer no caminho que vai da complexidade ao desafio da interdisciplinaridade.

Adotar o paradigma da complexidade, tema recorrente nos estudos da ciência, significa ultrapassar o paradigma da simplicidade, adotado pelas ciências empíricas.

¹ Cocho, Germinal e outros. Ciência e humanismo, capacidade criadora e alienação. In Santos, B. de S. Conhecimento Prudente para uma Vida Decente – Um Discurso sobre as Ciências Revisitado. P. 191.

Como consequência a interdisciplinaridade, (talvez, a transdisciplinaridade), é uma imposição inevitável. Neste sentido há uma excelente literatura².

Essas mudanças no paradigma epistemológico não neutralizam as contribuições das ciências empíricas. O ponto central que, praticamente, se tornou consensual é que a Física não pode ser o modelo universal de estudo da natureza, sendo que os fenômenos naturais não podem ser homogeneizados a partir dos fatos físicos. A consensualidade torna-se maior diante da vida. E da vida humana, há unanimidade. Tanto que a Biologia está, cada vez mais, ocupando o lugar da Física como ciência exemplar.

Para fortalecer estas posições muito contribuíram os avanços das pesquisas biológicas, em especial, a biologia molecular, a genética e as neurociências. Os resultados destas pesquisas podem ser observados nas mudanças de atitude dos cientistas ao investigar a organização dos seres vivos. Para ser mais breve basta lembrar o biólogo chileno, Humberto Maturana, haveria muitos outros, que define os seres vivos como sistemas auto-referidos ou autopoieticos, o que significa afirmar que são sistemas nos quais seu operar somente faz sentido em relação a si mesmos, diferentes dos sistemas elaborados pelos homens, que, por seu desenho, fazem sentido somente em relação a um produto ou a algo distinto deles.³

A adoção da autopoiese (auto-criação), como explicação da organização (auto-organização) dos seres vivos, representou a ruptura com conceitos fechados ou definições delimitantes da abrangência de um determinado objeto, cujo objetivo principal é garantir sua manipulação isoladamente. A autopoiese do ser vivo sugere que todas as suas manifestações já estão inscritas desde o início. O viver é apenas a manifestação espaço-temporal das potencialidades e limites inscritos na estrutura vivente.

Para ser justo deve-se reconhecer que esta constatação pelos cientistas confirma o velho ditado de que as ciências comprovam, depois de um tempo maior ou menor, o que a filosofia e a arte já haviam anunciado. Antes de se falar em auto-organização ou autopoieses, a filosofia falava em poiese, em unidade substancial do ser humano e de sua natureza mundana, isto é, portador de mundaneidade, ou seja, o mundo faz parte de sua constituição viva. Por exemplo, as correntes existencialistas, desde a primeira metade do século passado, afastando-se dos conceitos racionalistas e metafísicos, defendiam a compreensão do homem como ser-no-mundo. Martin Heidegger resumiu esta compreensão com a palavra Dasein, traduzido por ser-aí. O “Da” (aí) significa a condição da manifestação do ser no espaço e no tempo, isto é, no mundo. O fato de estar lançado no mundo implica no destino de ser um ser-para-a-morte. A morte faz parte do destino do homem desde o nascimento. Maurice Merleau-Ponty entende o ser humano como um ser corporal. A expressão correta, para ele, é “eu sou corpo”. Portanto, deve substituir “eu tenho corpo”. E ser corpo significa estar encarnado no mundo. Há uma reversibilidade existencial entre corpo e mundo ou homem e mundo. Já para Jean-Paul Sartre, o ser humano é resultante de

² Morin, Edgar. Introdução ao Pensamento Complexo. Ou, Pena-Veja, A. e Nascimento, E. P. do (Org.) O Pensar Complexo – Edgar Morin e a crise da modernidade.

³ Maturana, Humberto. Varela, Francisco. De Máquinas e Seres Vivos: Autopoiese – a Organização do Vivo. P. 14.

suas escolhas. Cada um constrói sua existência que se estende do nascimento à morte. Cada um define seu modo de viver e de morrer.

As ciências, seguindo seu modelo metodológico, entre outras definições, entendem o envelhecimento como o “conjunto de fenômenos que caracterizam o enfraquecimento da vitalidade”. Como todas as definições, ela possui uma grande abrangência. Lembrando o que já foi dito, o envelhecimento conota movimento, portanto ele teria um início e um fim. Pelo método analítico e pela definição, acima citada, as ciências empíricas estabeleceriam o início do envelhecimento num momento determinado da vida humana, quando aparecem os sintomas de perda de vitalidade. E o final seria a chegada da velhice. O critério estabelecido, neste caso, seria de ordem biológica.

Aceitando as teses filosóficas e as teorias dos biólogos que sustentam a autopoiese, sem recusar o critério biológico, pode-se admitir o conceito de envelhecimento como um processo que ocorre durante o curso de vida do ser humano, iniciando-se com o nascimento e terminando com a morte. Alguns autores apontam que o processo de envelhecimento "começa no útero e termina no túmulo".

Há ainda um fator complicador porque, neste caso, o envelhecimento não seria claramente detectável – e seria necessário? – o que dificultaria assegurar que tal ocorrência biológica faz parte do envelhecimento. Certas partes do corpo envelhecem constantemente. As células são o exemplo mais fácil de se identificar. A sua regeneração, também, é constante. Mas chega um momento que perde seu vigor. Seria aí, por exemplo, o início do envelhecimento da pele? Ou o envelhecimento, por estar inscrito no DNA, poderia ser identificado, numa linguagem pouco científica, como defeito de fabricação e prazo de validade ou, talvez, desvio de conduta. No primeiro e último casos poderia haver solução. Entretanto, no segundo caso, o ser humano não tem outra atitude que assumir suas limitações intransponíveis.

As modificações biológicas acontecem em dois níveis. O aparecimento de rugas, queda ou branqueamento dos cabelos fazem parte do primeiro nível. No segundo nível estão as alterações das funções orgânicas que se processam no organismo. Junto com as alterações biológicas surgem também mudanças psíquicas e sociais. As primeiras são decorrentes das dificuldades de aceitar as modificações na auto-imagem e para adaptar-se a cada nova situação do cotidiano. As segundas surgem nos conflitos diante dos novos valores que modificam a convivência social

Além do critério biológico há o critério cronológico, mas este, na verdade concentra-se no conceito de velhice ou de idoso. Neste sentido é melhor recorrer a relatórios oficiais. “Para a Organização das Nações Unidas – (ONU 1982) – o ser idoso difere para países desenvolvidos e para países em desenvolvimento. Nos primeiros, são considerados idosos os seres humanos com 65 anos e mais; nos segundos, são idosos aqueles com 60 anos e mais. No Brasil, é considerado idoso quem tem 60 anos e mais. Ou ainda, para determinadas ações governamentais, considerando-se as diferenças regionais verificadas no país, aquele que, mesmo tendo menos de 60 anos, apresenta acelerado processo de envelhecimento (Brasil, 1996). Essa definição foi estabelecida pela ONU, em 1982, através da Resolução 39/125, durante a Primeira Assembléia Mundial das Nações Unidas sobre o Envelhecimento da População, relacionando-se com a expectativa de vida ao nascer e com a qualidade de vida que as nações propiciam a seus cidadãos”.

Parece que há certa confusão entre envelhecimento e velhice. Talvez se deveria estabelecer distinções, pois a velhice seria, apenas, o estágio mais avançado do envelhecimento, sob o ponto de vista cronológico. A atitude mais correta seria ver complementaridade entre os dois critérios, o biológico e o cronológico. O biológico estaria mais próximo às competências da gerontologia e da geriatria. O cronológico seria mais adequado para as políticas públicas. Na prática ele vem sendo utilizado para estabelecer o perfil do ser idoso, para delimitar a população de um determinado estudo, ou para análise epidemiológica, ou com propósitos administrativos e legais voltados para o planejamento e execução de políticas públicas, oferta de benefícios e de serviços.

É inquestionável que o processo de envelhecimento provoca no organismo modificações biológicas, psicológicas e sociais; porém é na velhice que esse processo aparece de forma mais evidente. Este fato faz com que haja certa confusão entre envelhecimento e velhice. Esta confusão está muito presente na linguagem popular, já que a velhice é mais notada do que o processo de envelhecimento. Por isso é mais fácil reconhecer o estágio final do envelhecimento, e, quase sempre nas aparências físicas.

Para completar este item é importante observar, no relatório da ONU, a referência a populações idosas e ao processo de envelhecimento de um País. Quando se fala de países envelhecidos ou de sociedades envelhecidas sempre se faz referência ao número de idosos naquele País ou sociedade. Não se fala da ordem social envelhecida, nem de um sistema político e econômico envelhecido. Não há estudos que analisem uma civilização ou cultura sob o ponto de vista de um envelhecimento de sua organização interna. Por exemplo, o sistema feudal desapareceu num processo de envelhecimento? O capitalismo, hoje em crise, seria um sinal de que está envelhecendo?

Bom, essas questões nos levariam para uma reformulação do tema central desta reflexão, entretanto elas podem abrir o caminho para pensar o lugar e significado do envelhecimento humano no interior de um sistema cultural.

CULTURA E ENVELHECIMENTO HUMANO

A palavra cultura tem uma abrangência quase ilimitada em relação às atividades humanas. No século passado foram desenvolvidos debates que, de uma parte, colocavam em oposição cultura e natureza, abordada, inclusive, pelo método de alfabetização de Paulo Freire; de outra parte, e aqui o debate foi mais polêmico, foram questionadas as classificações entre culturas primitivas e culturas superiores. Malinowski e Lévi Strauss foram grandes expoentes destes enfrentamentos. Hoje, graças aos movimentos holísticos e ecológicos, chegou-se à conclusão de que entre cultura e natureza não pode haver conflitos, mas harmonias. Da mesma forma, tornou-se difícil sustentar a teoria da inferioridade ou superioridade de uma cultura sobre outra. Cada cultura deve ser analisada no interior de seu sistema de significações e não em relação à outras culturas.

Nesta palestra, cultura é tomada como um sistema de significações que dá identidade a determinada organização social. O sistema de significações dá sentido para tudo o que acontece no interior daquela sociedade. Por exemplo, para entrar logo no assunto, o envelhecimento recebe uma valoração ou significado a partir do sistema de significações vigente na sociedade em observação.

Com o objetivo de facilitar uma síntese do vasto campo, existente em cultura e envelhecimento, recorreu-se à divisão entre dois tipos de culturas, ainda que não sejam excludentes, pois podem permanecer articuladas no interior de uma mesma sociedade. O que as diferencia, em maior ou menor intensidade, é a opção pelo fato fundador do sistema de significações. Assim, de maneira muito simplificadora haveria sociedades que fundam seu sistema de significações em entidades divinas ou em teses humanísticas, e haveria sociedades que privilegiam a razão e as ciências modernas como fundadoras do sistema de significações. No primeiro caso, todas as explicações e justificações devem ser buscadas ou em Deus, ou na religião, ou no ser humano. No segundo cabe às ciências explicar, justificar e decidir tudo o que acontece. Em ambos os casos o que está em jogo é a legitimidade de dar sentido a tudo o que se faz e o que não se pode fazer.

Novamente, na descrição destes dois sistemas de significações, será preciso adotar o estilo de simplificação e de resumo. O importante é que provoque e estimule o debate sobre o processo de significar, isto é, dar sentido a tudo o que ocorre na vida das pessoas, como indivíduos e como cidadãos, pertencentes a uma ordem social.

As culturas, cujo sistema de significações funda-se em Deus ou no ser humano, explicam e legitimam tudo o que acontece apela vontade da Divindade ou pelas determinações da vontade humana que, geralmente, é proposta como a expressão temporal da vontade eterna de Deus. Permanecendo nos limites do tema, a vida e o ser humano são criações de Deus. Portanto, nascer, crescer, envelhecer e morrer constituem o destino de todos os seres vivos. A única atitude é submeter-se a esses desígnios divinos.

Neste contexto, o idoso, ou a velhice, é a fase da vida em que se atinge a sabedoria, adquirida pela experiência cotidiana, mais do que pelo conhecimento. Conhecimento e sabedoria são distintos. O velho não é só sábio, mas é o sábio por excelência. Como tal deve ser reverenciado por toda a sociedade. O envelhecimento é a conquista da sabedoria pela meditação e pelas vivências cotidianas. As culturas orientais são exemplos mais eloqüentes desta significação do envelhecimento e da velhice. Não é exagero afirmar, apesar dos poucos estudos, que as comunidades indígenas brasileiras cultivavam esses mesmos valores. Os índios Tariano, residentes na região da Cabeça do Cachorro, no estado do Amazonas, concedem um papel fundamental aos seus anciãos, inclusive, no mito de origem os personagens principais são os Avós e três netos. Aos velhos cabe o zelo pela alma do povo – a sua cultura. Ainda na Amazônia, os índios Desana têm como Demiurga Yebá Buró, a Avó do Mundo. A Demiurga, enquanto aparecia, cobriu-se com os seus enfeites. Primeiramente, construiu um Quarto - o Quarto de quartzo branco, após, os Deuses a ajudaram a construir o mundo e a humanidade (Pãrõkumu;Kehíri:1995;14). Nesta tribo, o velho e a mulher ocupam um lugar privilegiado.

Em linhas gerais, as mesmas significações podem ser colhidas nas obras dos filósofos gregos e romanos. Envelhecer bem, para eles, consistia em construir uma velhice sábia, virtuosa e exemplar. Nesta tarefa, um aspecto novo aparece, a importância da atividade intelectual.

Essa distinção honrosa, sem dúvida foi predominante, entretanto, não excluiu necessariamente atitudes contrárias. As complicações eram geradas em momentos de doenças, que poderiam ser ameaça de contágios, da carência de mantimentos para alimentar a todos. E outros fatores específicos de tal cultura. O fator mais freqüente de

contestação aos envelhecidos, nas sociedades mais organizadas, aparecia na área econômica. Neste sentido é melhor transcrever as palavras de Cícero. “Quando já era bastante idoso, Sófocles escrevia ainda tragédias”. Esse mesmo fato garantiu a Sófocles evitar de ser destituído de gerir seu patrimônio diante das acusações de seus filhos que o acusavam de negligência. O velho Sócrates depois de ler a tragédia, Édipo em Colona, que acabara de escrever, perguntou aos juízes “se essa obra era obra de um débil”. Os juízes resolveram absolvê-lo.⁴

Depois desta rápida passagem pelas culturas teocêntricas e humanistas, chegou a hora da tarefa mais complexa, enfrentar a questão do envelhecimento a partir do sistema de significações, cujo fato fundador é a cientificidade moderna.

Vivemos na idade da ciência, escreveu Emmanuel Carneiro Leão, “porque é a ciência que determina o ser e a verdade do real”. Isto implica na presença inevitável da ciência moderna na esfera do mundo do homem. Fato anunciando pelo físico Alemão, Werner Heisenberg, no início do século XX, ao afirmar que “num futuro, não muito distante, os aparelhos e instrumentos técnicos serão partes integrantes do ser humano, como a teia é parte da aranha e a concha do caramujo”.⁵ Já estamos nesta época, pois pedimos à ciência que nos diga quem somos, como devemos nascer, viver e morrer, o que devemos fazer; pedimos que defina o verdadeiro e que estabeleça o que é bem e o que é mal. Portanto, o sistema de significações da quase a totalidade das sociedades humanas está enraizado e dependente da ciência.

A questão do envelhecimento recebeu da ciência uma atenção privilegiada. Para entender melhor, é preciso lembrar que o conhecimento se tornou protagonista maior no desenvolvimento industrial e comercial das sociedades modernas ocidentais. As revoluções industriais aconteceram porque confiaram às ciências as bases teóricas e técnicas para instaurar seu sistema de produção e de consumo. Em pouco tempo tudo virou objeto de investigação e de mercado. O último reduto a resistir foi o ser humano, blindado que estava pelas dogmas morais teológicos e por um humanismo religioso. No momento em que foi possível romper os limites da pele pela anatomia, o caminho se escancarou para os invasores da oikos humana. A vida humana passou a ser manipulada através do domínio dos corpos vivos. Tudo começou pelos animais para chegar aos humanos.

Para encurtar o caminho pode-se ir diretamente ao processo do envelhecimento. Uma observação preliminar indica que o envelhecimento somente se tornou alvo de maiores e eficazes preocupações diante da velhice e da morte. Tanto uma como outra, desde sempre, foram envoltas pelo manto do medo, que, no passado, adquiriam sentido diante da vontade divina. Na era da ciência o medo se transformou em negação da morte e da velhice, daí os grandes investimentos no fenômeno do envelhecimento como forma de afastá-las ou adiá-las o maior tempo possível. E o que é importante o sublinhar, não é o envelhecimento como um fenômeno em si mesmo o objeto direto das preocupações, mas a busca do rejuvenescimento. Parece possível dizer, parodiando Cícero, que saber envelhecer é saber rejuvenescer.

O rejuvenescimento se transformou no mote mágico para orientar o processo de envelhecimento, enquanto resistência e recusa da velhice. No passado, na era dos

⁴ Cícero. Saber Envelhecer. P. 21/22.

⁵ Carneiro L. Emmanuel. Aprendendo a Pensar. P. 11-17.

saberes pré-científicos, saber envelhecer era construir uma velhice de dignidade, enquanto nas sociedades da era das ciências, investir no envelhecimento é recuperar a juventude, nem que seja somente nas aparências e nas ilusões. Edgar Morin resume em poucas palavras, quase biográficas, este fenômeno dizendo, “hoje, se pode viver todas as idades precedentes. E agora, quando se misturam envelhecimento e rejuvenescimento, sinto em mim todas as idades da vida. Sou permanentemente a sede dialógica entre infância/adolescência/maturidade/velhice. Evoluí, variei, sempre segundo essa dialógica. Em mim, unem-se, mas também se opõem, os segredos da maturidade e os da adolescência” . (Morin, 2000b, p. 256)

O apelo à magia das ciências retoma os sonhos dos antigos navegadores medievais em busca do elixir e da fonte da eterna juventude. Em lugar de países longínquos a fonte da eterna juventude está no poder da ciência. Quanto aos recursos que a ciência oferece para satisfazer uma cultura generalizada de enfrentamento do envelhecimento são conhecidas do público. O que importa não é descrever o que a ciência oferece, mas lembrar os valores adotados para valer-se da magia da ciência. Em primeiro plano está a manutenção da juventude e da beleza a qualquer preço. A maioria reconhece que, para manter as aparências da juventude, não se recusa sacrifícios e esforços. Parece que envelhecimento, como já foi dito, não é envelhecer, mas rejuvenescer. E isto porque a grande virtude do homem na era da ciência é ser ou manter-se jovem. Em lugar de valorizar a experiência do passado valorizam-se as perspectivas do futuro.

Nesta ânsia de camuflar o envelhecimento recorre-se até à alteração da linguagem. Os verbos morrer e falecer foram substituídos por deixar. Ele nos deixou, em lugar de ele morreu. Os termos velho, velhice e idoso tornam-se pejorativos e são designados pelas expressões adocicadas: “terceira idade” e, mais recentemente, “melhor idade”. Esses recursos de linguagem sofreram uma crítica contundente e pouco elegante, mas verdadeira, do Prof. Georgis, que merece ser transcrita na íntegra. “Que coisa mais cabotina essa tal de ‘melhor idade’ É a grande falácia da atualidade, é afirmação retórica digna dos sofistas gregos: como pode ser ‘melhor’ quando se claudica, esbarra-se nas cadeiras, tem-se embaraço com os papéis que caem ao chão, acelera-se a chegada em casa para não molhar as calças, dói a cervical; o dentista nega o implante, o médico proíbe a cerveja, ovo nem pensar, expurgar a graxinha da costela, apenas frango insosso e peixe, léguas de verduras, manteiga só o rótulo; os olhos se repuxam para enxergar o lance televisivo, convenhamos: é a ‘melhor idade’”? (José C. T. Georgis)

Diante do ideal supremo de juventude, não é raro, testemunhar atitudes indelicadas, até certo ponto, grosseiras de quem não quer reconhecer que está envelhecendo ou envelheceu. Provavelmente, todos já assistiram fatos desta natureza. A escritora, Marta Medeiros, relatou alguns casos, em sua coluna dominical de Zero Hora. Segue a transcrição: “Comenta-se muito a falta de respeito de alguns jovens para com os mais velhos, principalmente na rua, quando há gente que entra na fila dos idosos para chegar mais ligeiro ao caixa. Mas também há pessoas idosas nada compreensivas diante de gestos de consideração por sua longa trajetória de vida”.

“Trago aqui o desabafo de uma jovem leitora da coluna, que ficou encabulada com a atitude de um senhor, quando dia desses, sentada num ônibus lotado, ela levantou-se para ceder o lugar a ele. Qual não foi sua surpresa ao ouvir, em vez de agradecimentos, uma ríspida reclamação”.

“É isso aí, a gente sabe que está velho quando querem nos dar lugar no ônibus. Não preciso disso, menina”.

Essa atitude de recusa fica ainda mais patética na análise que Luiz Fernando Veríssimo fez a respeito de Michel Jackson. “Por fim, escreveu L. F. Veríssimo, Michel Jackson nem se contentou em ser branco, como não se conformou em envelhecer como qualquer um. Ele foi, antes de mais nada, um trágico herói da insubmissão à vida”. (Zero Hora 02.07.2009)

E para completar, certamente, pode haver espaço para uma citação mais jocosa e irônica e pouco científica, infelizmente não foi possível recuperar o nome do médico, autor do comentário. "No mundo atual está se investindo cinco vezes mais em remédios para virilidade masculina e silicone para mulheres do que na cura do Mal de Alzheimer. Daqui a alguns anos, teremos velhas de seios grandes e velhos de membro ereto, mas eles não se lembrarão para que servem". (Correio Eletrônico).

ÉTICA E ENVELHECIMENTO HUMANO

Até agora foi apresentada a ciência como aquela instituição epistemológica que assumiu a tarefa de explicar a realidade fornecendo sua constituição interna e seu modo de operar. A cultura, por sua vez, foi descrita como um sistema de significações através do qual é possível estabelecer a identidade de todos os componentes no interior de uma ordem social. Cabe à ética apresentar os princípios que devem orientar as atividades científicas e assegurar a legitimidade de uma ordem social, mas somente poderá fazê-lo em nome de um valor absoluto e universal.

A ética, tanto quanto a ciência e a cultura, reflete uma complexidade resistente às lógicas simplificadoras. Além disso, ela ultrapassa as outras duas pelo nível de responsabilidade diante do ser humano. Em última instância caberia à ética traçar os caminhos do bem e do mal para a ciência e a cultura, e intervir sempre que o humano do ser humano está ameaçado. Ninguém duvida destas tarefas da ética. O impasse está em estabelecer em nome de que ou de quem são definidos os princípios da eticidade, isto é, a realidade última dos conteúdos éticos.

A história das aventuras da ética em busca de suas raízes é longa e tortuosa. Houve uma longa época, nos primórdios da evolução da espécie humana, que não se tem notícias de questionamentos e divergências sobre a ética de cada sociedade. Aparentemente tudo estava naturalmente estabelecido em nome de tradições milenares. Coube aos gregos, diante de uma nova ordem social, constituída por vários povos com tradições diferenciadas e conflitantes, buscar uma base comum e universal para a ética. Assim, a ética se tornou um capítulo fundamental do filosofar grego. Nenhum filósofo deixou de dedicar parte de seus escritos aos temas éticos. Ética a Nicômaco, obra principal de Aristóteles sobre o tema, continua até hoje a referência indispensável para quem deseja penetrar no sinuoso labirinto que conduz ao centro das questões éticas no Ocidente até hoje. Por isso, esse espaço filosófico da ética continua até hoje com alterações nos aspectos que se estendem desde a preocupação pela questão de possíveis éticas regionais até a proposta de assegurar uma ética universal.

Os povos que viveram no período em que tudo estava expresso nas mitologias, que lhes conferiam identidade, a ética fazia parte destas tradições. Não se entrava em detalhes. Tudo era aceito como definitivamente estabelecido por instâncias superiores

aos mortais. A rigor, conforme o nosso paradigma epistemológico, o termo, ética, não se aplicaria a estes casos, já que se tratava de normas de comportamento, sem nenhuma base teórica, exigência indispensável para assegurar legitimidade a qualquer atividade.

Retornando aos gregos, autores da primeira teoria ética independente das mitologias, a *Physis* foi proposta como o fundamento da eticidade e, não só desta, mas de toda realidade. A *physis* é a fonte originária de todos os seres e princípio legitimador de suas manifestações. A natureza determina o ser, isto é, a natureza de cada coisa. A natureza presente em cada ser vivo determina o seu modo de agir. Agir conforme a natureza própria é eticamente correto.

Andando a passos largos pela história das construções teóricas da ética, com um olhar do presente ao passado, observa-se que a teoria da *physis*, digamos, naturalista da filosofia grega, foi acrescida pelas crenças teológicas do Cristianismo, especialmente durante a Idade Média. Na verdade, para a teologia cristã, Deus é o princípio primordial de toda a eticidade. A natureza, por sua criação, é a manifestação temporal da ética divina. O homem, com sua inteligência, pode intervir para tornar explícitos ou atualizar os desígnios imutáveis de Deus. A revelação, escrita nos livros sagrados, é a referência única para assegurar o que é ou não é ético. Portanto em toda a Idade Média cristã não houve preocupação com os fundamentos da ética, esta foi direcionada para estabelecer normas morais para assegurar o cumprimento da vontade divina.

Uma pergunta: será que atualmente a ciência está ocupando o lugar da Divindade?

O Iluminismo, que começa no século XVII e atinge o apogeu no século XVIII – o século das luzes – rompe com a tradição teológica cristã e proclama o antropocentrismo e elege a Razão como seu único guia. Desta época em diante coube à razão a tarefa de desenhar uma nova ética do homem para o homem. A ética racional não tem a eternidade como a finalidade última, mas o bem estar temporal.

Os esforços para estabelecer os fundamentos teóricos da ética antropocêntrica se multiplicaram sem o sucesso esperado. Três propostas podem ser colocadas como marcos desta busca do princípio universal da ética racional. A obra, *Ética Demonstrada Segundo o Costume dos Geômetras*, de Baruch Spinoza (1632-1677) certamente, é a primeira tentativa mais sistematizada sobre os fundamentos da ética racional.

Em seguida vêm a teoria do Imperativo Categórico, proposta pelo filósofo Alemão Emmanuel Kant (1724-1804) que teve e tem uma grande repercussão entre os filósofos europeus. A escola de Frankfurt reuniu os principais pensadores que, seguindo o pensamento ético kantiano da razão prática, apresentaram várias propostas, todas baseadas na esfera cognitiva. A bem da verdade, parece que Kant continua influenciando os intelectuais que persistem, no meio de novas tendências pragmáticas, em encontrar um fundamento ético científico-racional de caráter universal. Uma visão bastante abrangente sobre essas éticas cognitivistas está na obra, *Itinerários de Antígona – A Questão da Moralidade*, da filósofa Barbara Freitag,

Até o momento, é preciso reconhecer que as éticas cognitivistas não deram a resposta esperada. Enquanto esta resposta não chegar, o que vigora é uma ética pragmática, comandada por opiniões, quando não, por interesses, camuflados por intenções humanitárias em nome da proclamação dos direitos universais da humanidade.

Diante deste vazio ético, mais do que propostas concretas, surgem críticas ao conceito de universalidade da maneira como foi inventado. O filósofo francês, François Julien, é um dos representantes desta linha de pensamento. Em sua crítica ele afirmou numa entrevista recente: “O universal exprime um conceito da razão, emergindo da tradição européia, e se reclama como uma necessidade à priori, confundindo-se com a elevação do pensamento e com a própria ciência. Assinala, assim, uma intransigência inegociável”. E continua: “É o universal que se afirma na Declaração dos Direitos do Homem. O Ocidente tenta impô-la a todos os povos do mundo, independente de sua cultura, como um dever, exigindo subscrição incondicional”. Como solução deste problema ele reconhece que “o universal está em curso e pode agir como agente promotor, adaptando-se à especificidades culturais”. Para que isto aconteça, segundo Julien, é preciso incorporar outros dois conceitos, o de interculturalidade, que impede a imposição da ótica de uma cultura, e a transindividualidade, no sentido que todos os indivíduos estão ligados pela mesma essência. Aqui, certamente, pode-se introduzir a idéia de socialidade no amor de Maturana. O tema voltará mais adiante.

Chegou o momento de perguntar, e nisto tudo como fica o envelhecimento? Fica sem resposta ou com uma resposta parcial. Em princípio, adota-se uma ética pragmática a partir da idéia que o que se faz, ainda que sem provas cabais, é feito para o bem o ser vivo. Supõe-se que ninguém buscaria prejudicar a si mesmo. Acontece que, em certas atitudes, por razões diversas, o mal passa a ser visto como um bem porque satisfaz os objetivos do indivíduo.

Esta ética pragmática encontra seu fundamento maior no conceito de propriedade. O indivíduo se diz proprietário do corpo. E, todos sabem, o senhor dispõe a seu bel prazer o que lhe pertence. Com o meu corpo eu faço o que eu quero. Então o bem do corpo não é o bem dele, mas o bem do seu senhor. O senhor projeta a si mesmo um perfil de corpo ou um ideal de vida e passa a investir, não no seu corpo efetivo, mas num corpo idealizado. Para isso, não é preciso repetir, dispõe de enorme acervo de recursos científicos e técnicos, aliados com uma mássica propaganda mediática comercial. O corpo idealizado passa a ser o fundamento ético legitimando qualquer decisão.

Neste sentido, as éticas cognitivistas dificilmente se tornam convincentes com seus argumentos racionais diante da força dos argumentos emocionais. Alguns estudiosos começam a apontar um novo caminho, o da bioética.

Bioética

O conceito de bioética é recente, mas seus avanços estão em plena e rápida evolução. O termo bioética iniciou como designação e controle dos procedimentos éticos entre médico e paciente, em seguida passou a englobar um conjunto de iniciativas chegando à idéia que a vida poderia ser o fundamento da futura eticidade. Inicialmente, se falou em normas de tratamento da vida, não mais do paciente do médico, mas a vida em geral. Hoje, se fala que é a vida que deve nortear a ação intervencionista do homem sobre a vida ou os seres vivos. A bioética passou a designar a ética da vida. Portanto, o ser vivo, humano ou não, deve ser respeitado no interior de sua auto-organização. Ou, lembrando Maturana, o ser vivo é um sistema auto-referido, o que impõe que toda a intervenção deve estar a serviço do pleno

desenvolvimento deste sistema auto-referido, respeitando a especificidade de sua estrutura.

Não se pode antecipar a solução da eticidade pelo fato de privilegiar a bioética como a grande saída para superar o fracasso das éticas cognitivistas, porque, desde o início, pode apresentar desvios alarmantes. Ao tomar as ciências biológicas como informantes do conhecimento que autoriza a intervenção no ser vivo, falta garantir qual seria o conhecimento eticamente válido. Por exemplo, a engenharia genética tem recursos para aperfeiçoar um organismo vivo pode levar à eugenia, melhoramento da espécie viva. Quem estabelece os limites. Nos seres vivos vegetais e animais todos conhecem os melhoramentos, sempre em função de um rendimento econômico e comercial. Não para que o animal tenha uma vida melhor. Se fosse possível dizer, diríamos, “mais feliz”. Há movimentos questionando, por exemplo, a criação em confinamentos.

Para encurtar essa questão, é bom lembrar a conferência de Peter Sloterdijk, Regras para o Parque Humano. Nela pode-se entender que da mesma maneira como se instala um arca para a melhoria de cavalos de raça em função de interesses comerciais, seria possível criar um parque humano. Evidentemente, houve uma forte reação contrária, mas os argumentos não foram suficientes para eliminar a idéia.

Diante destas breves informações, talvez, o tema desta palestra poderia ter-se resumido a uma reflexão sobre as contribuições da bioética para entender o Processo do envelhecimento, não apenas no aspecto biológico, mas, também, nos aspectos psicológicos e sociais.

Fica claro que a ética, tomando como ponto de partida a bioética, precisa se distanciar dos conceitos racionais e, em parte, das manipulações científicas. O caminho que conduz a esse cenário, também, é muito novo e, o que o torna mais suspeito, é seu distanciamento das lógicas racionais. Trata-se da Ética da Estética.

Ética da Estética

Um dos primeiros intelectuais a falar em ética da estética, foi o atual filósofo francês Michel Maffesoli. Numa palestra, proferida em Belo Horizonte (1985), ele desenvolveu o raciocínio seguinte, reproduzido aqui não com as mesmas palavras. Há, segundo suas palavras, “um deslizamento entre a moral política e a ética da estética”. A moral política tem seu referencial maior nos direitos humanos, a ética da estética encontra sua maior expressão no culto do corpo, uma das maiores tendências do homem e das sociedades contemporâneas. O culto do corpo começa pela sua construção, mas, é uma construção em que, adverte Maffesoli, “um corpo é construído sob o olhar do outro e para que ele possa ser olhado pelo outro”. E conclui, “Creio que essa idéia de construção do corpo é, para mim, uma das primeiras manifestações dessa ética da estética”.

Para esclarecer melhor o seu conceito de ética da estética, Maffesoli apela para o sentido etimológico do termo grego *Aisthesi*, que significa sensibilidade, sentir. Em outras palavras: quer dizer experimentar com outros alguma coisa. Cria-se assim, explica Maffesoli, “um novo liame que se funda no que chamo de ‘o estético’ permanecendo o mais próximo possível do seu sentido etimológico, isto é, o fato de que vou experimentar emoções com outros em todos os sentidos”. A idéia de estética,

no sentido de sensibilidade, aparece com mais profundidade em seu livro, Elogio da Razão Sensível.

A proposta da Ética da Estética, sem dúvida nenhuma, pode-se afirmar que encontra eco na idéia de socialidade de Humberto Maturana, Esse elo do pensamento de Maturana com a ética da estética está nestas afirmações: “não é a razão o que nos leva à ação, mas a emoção. E a emoção fundamental que torna possível a história da hominização é o amor – (...) – por isso digo que o amor é a emoção que funda o social”. As relações sociais e a vivência de si mesmo, insiste Maturana, não partem do racional e sim do emocional. A origem de todas as nossas decisões, em qualquer esfera, está na sensibilidade, isto é, na capacidade de viver emoções, inclusive quando se opta pela racionalidade. Proclamar o racional como a última instância da identidade humana, não é uma escolha racional, mas emocional. Os critérios do racional classificam e, por este procedimento, é possível diferenciar e excluir. A sensibilidade do amor não pode, em sua essência, produzir exclusões, porque o “amor é constitutivo da vida humana, e não é nada especial”. Nas obras de Maturana há uma insistência repetitiva sobre o emocional e sua manifestação primordial, o amor, como fundamentos da vida pessoal e da convivência social. Para documentar essa observação sobre o esforço insistente de redefinir o espaço do emocional na vida individual e nas relações inter-individuais, nada mais justo o que recorrer a suas palavras. “Repito: sem aceitação e respeito por si mesmo não se pode aceitar e respeitar o outro, sem aceitar o outro como legítimo outro na consciência, não fenômeno social”.⁶

PALAVRAS FINAIS

O anúncio das palavras finais não significa que sejam as últimas e, muito menos conclusivas, mas apenas um intervalo para realimentar diálogos e desafios futuros, especialmente. A conclusão não faz parte do discurso que entende a filosofia, não como explicação ou resposta às questões, mas como reflexão circular. Portanto não tem a função de concluir, de responder, de condenar ou de aplaudir, mas de despertar reflexões, tocar consciências e promover debates.

A vida, em todas as suas manifestações e, de modo particular, a vida humana, continuará um mistério, não no sentido do não explicável, mas no sentido de algo que consegue preservar o núcleo central de sua dinâmica, pelo menos enquanto for olhada pelas lógicas das ciências empíricas, e no mesmo sentido em que, no dizer de Pascal, o coração tem razões que, em nenhum momento, a Razão poderá conhecer. Por enquanto, tudo indica que a ciência atual, dentro do paradigma epistemológico que utiliza, estaria fadada ao insucesso, pelo simples fato de que a vida segue outras lógicas. Certamente, a ciência moderna conseguiu avançar em relação aos seres vivos, mas em relação à origem da vida e o processo de sua evolução, pode estar tão próxima ou tão distante quanto as crenças religiosas.

Ciência cultura e ética não são compartimentos isolados. O conhecimento, no seu sentido mais amplo de saber, será sempre o responsável pelas tecituras culturais e éticas. Se a era atual é a idade da ciência, é ela que funda o sistema de significações de

⁶ Humberto Maturana. Emoções e Linguagem na Educação e na Política. P.21 1 35.

nossa cultura e, em última instância, acaba determinando os princípios éticos, ponto de partida de qualquer código de ética profissional.

Para complementar as justificativas anti-conclusivas, fica coerente recorrer a duas situações provocantes e representativas de valores opostos. Cada leitor poderá verificar em qual delas se enquadra o perfil de seus ideais.

Primeira situação. Avaliem o sucesso de um evento se, no final, puder anunciar e subscrever com bases rigorosamente científicas uma propaganda deste teor: “imagine ir dormir com um pijama ou camisola que solta partículas de Vitamina A, E, F, de aloevera e jojoba? Sim, isso é possível com o lançamento da La Chatte Eco Fun, empresa do polo de moda de Nova Friburgo, do Rio de Janeiro, que mostra sua coleção no Rio-à-Porter, bolsa de negócios ligada ao Fashion Rio. As peças - calças saruel, shorts boyfriend, camisolas e camisetas - chegarão ao público custando entre R\$40 e R\$90”.

Segunda situação. Para contrapor a idéia acima exposta, vou dirigir aos que estão envelhecendo e, talvez, para todas as faixas etárias, as palavras que Nelson Mandela dirigiu à juventude da África do Sul, num encontro na Universidade de Johannesburgo: “Sejam os autores de seu próprio destino e representem a si mesmos como estrelas que clareiam o caminho de um amanhã melhor”.

I

Silvino Santin

Santa Maria, 20.04.2010.